

CULTURA E TERRITORIALIDADE NO CIBERESPAÇO: LOCALES DIGITAIS DE MIGRANTES BRASILEIROS NO EXTERIOR

Gustavo Siqueira da SILVA¹

Meri Lourdes BEZZI²

Resumo

Enquanto a sociedade contemporânea parece se dirigir para uma homogeneização e universalização, emerge através da cultura a *différance*. A incipiência de uma cultura brasileira reproduz identidades territoriais disponíveis. Mas, à medida que o ciberespaço torna-se um lugar de trocas identitárias através de *locales* digitais, torna-se possível verificar um processo de construção de identidades muito mais amplo. Os migrantes brasileiros ao estabelecerem seus *locales* digitais, mantêm através de seus discursos no ciberespaço um complexo processo de identificação territorial uma vez que estão distantes de seu território original. A *différance* torna-se o grande motor das identidades contemporâneas, que ao invés de universalizarem, estão se fortalecendo na resistência do local, ou se hibridizando em múltiplas identidades ou, ainda, se reterritorializando em outros espaços, com novos valores culturais disponíveis. Com a consolidação do ciberespaço os *locales* digitais tornam-se uma unidade de pesquisa para a verificação desses processos.

Palavras-chave: Território. Cultura. Identidade. Ciberespaço.

Abstract

Culture and territoriality in cyberspace: digital *locales* of brazilian migrants abroad

As the contemporary society seems to go towards a homogeneity and globalization, it emerges through the culture the *différance*. The beginning of this Brazilian culture reproduces available territorial identities. But, as the cyberspace becomes a place of identity exchanges through digital locales, it becomes possible the verification of a process of identities construction much wider. As the Brazilian migrants establish their digital *locales*, they maintain, through speeches in the cyberspace, a complex process of territorial identification, since they are far from their original territory. The *différance* becomes the engine of contemporary identities, that instead of globalizing, they are strengthening themselves in the resistance of the place, or cross-breeding in multiple identities or, even re-territorializing in other spaces, with new available cultural values. With the consolidation of the cyberspace, the digital *locales* become a unit of research for the verification of those processes.

Key words: Territory. Culture. Identity. Cyberspace.

¹ Professor substituto, UFSM, Benjamin Constant 999, Santa Maria, RS, 97050023. E-mail: gutmicisa@yahoo.com.br

² Professora Doutora do Departamento de Geociências UFSM, Rua Tuiuti 1778/Apto. E, Santa Maria, RS, 97015662. E-mail: meri@oslo.ccne.ufsm.br

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é demarcar aspectos da constituição das identidades territoriais dos brasileiros que integram a migração brasileira pelo mundo, através da análise de seus discursos manifestados em *blogs* da Internet, tentando articular tais identidades com sua representação no âmbito cultural, mais especificamente da territorialidade. A discussão centrada em torno da concepção de identidade cultural e da abordagem enfatizada teve como finalidade orientar teórica e metodologicamente a investigação *in loco* no ciberespaço, ou seja, situou-se os seus elementos e suas articulações, objetos de estudo dessa pesquisa.

O artigo resgata também algumas definições de cultura, em um primeiro momento. Posteriormente, discute como os discursos se articulam e constituem estratégias para a consolidação de um processo de negociação e de trocas identitárias. Também, buscou-se, na literatura, as principais concepções de identidade e como as mesmas são constituídas, sua vinculação com a noção de cultura e seu papel espacializador em geral, e no ciberespaço em particular.

CULTURA: HOMOGENEIZAÇÃO E DIFERENÇA

Algumas definições de cultura

Na *démarche* da absorção da noção de cultura, ou mesmo, do esforço em estabelecer seu conceito científico, realizado pelas ciências sociais, surgiram à etnologia e a sociologia. Essas concepções de cultura desenvolveram-se, simultaneamente, permitindo os debates dos fatos culturais.

Se por um lado, as ciências sociais foram se consolidando a luz da controvérsia entre universalistas e particularistas, por outro, seus métodos e suas heranças teóricas, muitas vezes, associadas às ciências da natureza, não apresentavam respostas satisfatórias às questões culturais. Isso porque ora se reportavam a compreender as questões culturais como a mera relação do homem e suas técnicas ou, então, por superestimar a cultura ao ponto de concebê-la como uma entidade autônoma que existiria externamente aos indivíduos e seria superior a eles, e que segundo Duncan (2003, p. 64), “[...] misteriosamente respondia a leis próprias”.

As diversidades das sociedades multiculturais, e mesmo os particularismo das sociedades autóctones condenaram as pesquisas culturais após a Segunda Guerra Mundial, devido a expansão dos padrões industriais, impostos pelos países desenvolvidos, que já haviam realizado sua Revolução Industrial.

O que parecia sepultar as possibilidades culturais, ou seja, segundo Claval (1999), a *uniformização do mundo*, faz com que surja com força, e com um caráter renovador, nas pesquisas culturais, a questão da diferença. A padronização acelerada e global das técnicas informacionais, as transformações nas noções de espaço e tempo, bem como, a constante sensação de simultaneidade faz com que se reforcem traços primários de cultura, como gênero, etnia, classe, nacionalidade e religiosidade para citar alguns exemplos. Reforçam-se sentimentos de pertença local, revitalizam-se nacionalismos, a religião passa a ser identificada como um código cultural que começa a ocupar espaço, cada vez maior, na identificação de grandes massas.

Desta forma, Castells (2005, p. 41) argumenta que

Nesse mundo de mudanças confusas e incontrolladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso –

cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) – provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, tornam-se a fonte básica de significado social.

Na Geografia, a concepção de cultura e a emergência de uma Geografia Cultural renovada, remetem ao conceito mais complexo de cultura, formulado por Claval (1999, p. 63)

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Nesse sentido, utilizou-se a concepção de cultura apontada por Claval (1999) para caracterizar a representação de significado da brasilidade manifestada pelos migrantes brasileiros. Destaca-se que o significado de uma identidade nacional torna-se algo interpretativo. Assim, no ciberespaço, este encontra ressonância com o conceito de cultura elaborado por Geertz (1989, p.4)

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Admite-se que o significado da identificação territorial, alicerçado na cultura, deva ser compreendida na relatividade de vários códigos culturais e não em ícones institucionalizados. Em tempos pós-modernos, essa multiplicidade de códigos disponíveis faz com que tornem-se emergentes valores alternativos como argumenta Cosgrove (2000, p.53)

O conceito de cultura, em termos de crenças e valores partilhados por um grupo humano, emerge somente com o reconhecimento de sistemas de crenças e valores alternativos, e sob a motivação de um estudo “desinteressado”. Nas sociedades modernas, isto tem levado ao reconhecimento cada vez maior da relatividade das verdades culturais. Concomitantemente a esse relativismo, surgiu o interesse em submeter as culturas modernas à análise crítica e o reconhecimento de que elas são compostas de uma pluralidade de vozes que constroem, de formas diferentes, o significado para o mundo.

Outra contribuição importante e que reafirma a matriz teórica na qual foi estruturada esse artigo, é a do teórico crítico indo-britânico Bhabha (2005). Valendo-se do ponto de vista de Cosgrove (2000), o autor reconhece a construção do significado para o mundo por formas diferentes e múltiplas. Bhabha (2005) ressalta a importância da diferença no

debate sobre a cultura e procura identificar onde a cultura e a diferença são produzidas. Para formular sua noção de fronteira, enfatiza os deslocamentos proporcionados pelas migrações internacionais.

Conforme Bhabha (2005, p. 33), atualmente,

Talvez possamos [...] sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos — essas condições de fronteira e divisas — possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a “soberania” de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana, mas um foco sobre aqueles “deslocamentos sociais e culturais anômalos”.

Concorda-se com a distinção proposta pelo autor entre a diversidade cultural. Nessa leitura, onde se reafirma a diferença e não a diversidade benevolente do convívio, supostamente partir da ausência de significado social, estabelecido por um ruptura do cotidiano, onde as referências de classes, gênero, etnias, mas principalmente, de nacionalidade são suprimidas, ou no mínimo secundarizadas.

O verde-amarelo da diferença

Sob o enfoque evolucionista, as dificuldades que se apresentavam em constituir uma noção de cultura brasileira remetiam as contradições apresentadas pelo fato de o Brasil ser um país de Terceiro Mundo. A noção de cultura, na ótica evolucionista, remete a idéia de primitivos e civilizados, e era extremamente complicada para *intelligentsia* brasileira estabelecer um discurso de unicidade nacional admitindo a necessidade de evoluir culturalmente ao patamar dos europeus *civilizados*.

Nesse sentido, surgem no final do século XIX e início do século XX, as noções de meio e etnia como possibilidades para o desenvolvimento de uma teoria a respeito da cultura brasileira. As primeiras combinações dessas noções remetem a definições descritas por Ortiz (2006a, p. 16)

A neurastenia do mulato do litoral se contrapõe, assim, à rigidez do mestiço do interior (Euclides da Cunha); a apatia do mameluco amazonense revela traços de um clima tropical que o tornaria incapaz de atos previdentes e racionais (Nina Rodrigues). A história brasileira é, dessa forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato.

Dessa forma, atrelava-se o traço típico das etnias inferiores (negros, índios e mestiços) a um conceito incipiente de cultura brasileira. Esse esforço torna-se mais evidente a partir da década de 30 com o Estado Novo, quando se intensificam os esforços em conciliar o popular e o nacional. Nesse contexto, há uma constituição de símbolos do que seria nacional, como por exemplo, o carnaval, o futebol e o samba. Entretanto, fica evidente, como argumenta Ortiz (2006b, p. 34), que esses símbolos só ganham um caráter de brasilidade, a partir dos anos 30 do século XX, em função de sua popularização, pois,

Antes da década de 30 ninguém podia imaginar o Brasil como o país do carnaval, do futebol, da mulata e do samba. Por vários motivos. O carnaval, não é o carnaval popular que é importante, o carnaval importante é o carnaval da elite, carnaval veneziano.

Portanto, não para se fundar a identidade de povo nos elementos da elite. O futebol tinha a mesma coisa, era prática da elite vinda da Inglaterra. Foi necessária uma popularização desses eventos, para que nos anos 30 eles fossem tomados como sinônimo de povo. O samba e a mulata também não podiam ser considerados símbolos de identidade nacional, por que no contexto da teoria raciológica e racista, a mulata necessariamente era inferior à branca.

Acredita-se que antes de buscar uma cultura única brasileira, faz-se necessária uma reflexão sobre o processo de construção identitária do brasileiro, na perspectiva de compreender quais os discursos que mais influenciaram na configuração de uma pluralidade cultural que acaba se refletindo no cotidiano, mas, também, nas longínquas moradas de brasileiros no exterior, e no ciberespaço, através de seus *blogs* e discursos, os quais reafirmam esses discursos ou expressam uma mudança identitária.

Cibercultura

As tecnologias informacionais que popularizam e aceleram a transmissão de dados, informações e recursos audiovisuais têm através das redes de computadores, transformado consideravelmente as formas de estabelecimento das relações sociais. Nessa perspectiva, se a cultura é intrínseca as relações estabelecidas pelos indivíduos em sociedade, são compreensíveis a necessidade de se investigar a noção de cultura que se constrói nas representações simbólicas, que ganham mobilidade planetária, criando novos significados de identidade produzidos no ciberespaço.

Nesse sentido, entender o significado de uma identidade nacional no ciberespaço é buscar a gênese criadora da imaginação. Por isso, não parece inadequado aproximar produção cultural de locais metropolitanos aos que se encontram no ciberespaço. A inerência da diversidade cultural, com as sociedades contemporâneas, é mediada pela imaginação, como argumenta Cosgrove (2000, p. 56)

Se o significado é a criação da imaginação, fica difícil atribuir-lhe autoridade fundamental: o significado do mundo está realmente aberto a elaborações, desafios e representações sem fim. Tal polivocalismo fica cada vez mais evidente nas sociedades modernas, sobretudo em locais metropolitanos habitados por populações altamente móveis e de diferentes etnias, línguas, religiões e estilos de vida, ou de outros indicadores convencionais de cultura.

Lemos (2004) com relação à mobilidade contemporânea, propõem um debate atual utilizando-se de duas formas técnicas, a telefonia celular e a internet sem fio. A primeira caracteriza-se por um “controle remoto do cotidiano” e, a segunda, pela disseminação do sistema Wi-Fi e o uso de redes sem fio em metrópoles contemporâneas, ou como o autor denomina “cidades desplugadas”. Um exemplo dessa disseminação no Brasil é o acesso sem fio, ao ciberespaço, na orla de Copacabana no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, Lemos (2004, p.28) argumenta que

Novas práticas e novos usos do espaço urbano vão, pouco a pouco, constituindo os lugares centrais da era da conexão. O usuário não vai mais ao ponto da rede. A rede é ubíqua, envolvendo o usuário em um ambiente de acesso. Várias cidades no mundo estão oferecendo Wi-Fi aos seus cidadãos, constituindo uma verdadeira “cidade desplugada”.

Ao se discutir sobre cultura do ciberespaço, ou seja, a *cibercultura* poderia se imaginar que as dicotomias paradigmáticas da questão cultural seriam suprimidas. Entretanto, ao se identificar os processos de produção e representação cultural no ciberespaço, encontramos o que Lévy (2000, p. 120) caracteriza como "paradoxo central", ou seja,

[...] *quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável*. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar. Esse universal dá acesso a um gozo mundial, à inteligência coletiva enquanto espécie. Faz com que participemos mais intensamente da humanidade viva, mas sem que isso seja contraditório, ao contrário, com a multiplicação das singularidades e a ascensão da desordem.

Poderia se imaginar que Lévy compartilha da visão universalista, e que sua conexão planetária seria um estágio a ser alcançado pelos *off-lines* (aqueles que não estão conectados, ou que não têm acesso ao ciberespaço), como na concepção francesa evolucionista, de que eles evoluiriam para um status de *online* (aqueles conectados ao ciberespaço, ou que tem acesso a ele regularmente), estabelecendo uma analogia com as noções de primitivos e civilizados. Entretanto, ao forjar a noção de *universal sem totalidade*, o autor esclarece que nenhuma forma de encerramento, de domínio pode ser durável no ciberespaço, ou seja, o que se busca não é uma evolução linear e progressiva.

Essa concepção também é incorporada pela Geografia Cultural. Resgatando-se Cosgrove (2000, p. 55) é possível apreender que as técnicas, características da contemporaneidade, corroboram no sentido da amplificação da fragmentação dos significados culturais, pois

[...] a mudança crítica do pensamento moderno [...] promove a desconstrução constante de significados estáveis. Parece que, para um número crescente de pessoas, o que o mundo significa é uma questão de escolha pessoal, comunicada através de auto-representação em assuntos como habitação, roupa, culinária, música e até mesmo sexualidade. Ironicamente, à medida que os meios de comunicação – que permitem ao indivíduo participar na reprodução da cultura – ficam mais sofisticados, instantâneos e globais, os significados culturais nas sociedades modernas se tornam cada vez mais fragmentados e voláteis.

Os grupos sociais, cujas identidades seriam secundárias, encontram no ciberespaço uma grande possibilidade de amplificação na busca de sua legitimidade, seja de seu reconhecimento através de iniciativas coletivas de movimentos sociais, seja na busca individual de um *locais* digital para estabelecer suas trocas sociais. Essa realidade possibilita transcender os marcos de uma reivindicação local, limitada a sua localização físico-geográfica, a uma dimensão global de solidariedade, ou exclusão e repulsa, se for o caso.

POST: DISCURSO ONLINE

Posts: linkando o poder

Post é utilizado no mesmo sentido dos/as *blogueiros/as* para designar o ato de publicar textos, hipertextos, imagens, em uma determinada data em seu blog, ou seja, seus discursos no ciberespaço. Os discursos são legitimados, aceitos como verdadeiros,

eles exercem poder e não serão transformados enquanto não houver inversão hierárquica nas forças conflitantes que dominam e são dominadas discursivamente. Transformar um discurso aceito como verdadeiro, implica questionar qual identidade ele produz e legitima. Desconstruir enunciados é um questionamento de poder.

Nessa perspectiva a contribuição desse ensaio é enfatizar e compreender, no ciberespaço, a manifestação cultural e sua coerência para com os estudos da Geografia Cultural, pois nas palavras de Cosgrove (2000, p. 39)

[...] a geografia cultural lida, por definição, com grupos humanos, suas interrelações e ações coletivas transformando a natureza. A comunicação é o alicerce da intersubjetividade, ou seja, os valores e crenças compartilhados constituem a imaginação coletiva e definem a cultura não material. A linguagem é o modo primário da comunicação humana, constituidora da própria individualidade daqueles que a utilizam. Por essa razão, os geógrafos culturais interessados na questão do significado do mundo têm-se dedicado cada vez mais ao papel simbólico da linguagem em nossas relações com o mundo natural, a ponto de alguns deles considerarem as paisagens culturais como textos, construídos de acordo com regras lingüísticas.

Essa relação pode ser exemplificada com o excerto retirado do blog Carta da Itália (2005), disponível em <<http://www.cartadaitalia.blogspot.com>>, no qual se pode observar como o poder se estabelece nas relações de identidade.

Recentemente um amigo esteve no Brasil pela primeira vez. **Volto encantado com a geografia e a gentileza do nosso povo.** E especialmente apaixonado pela **geografia de uma mulata que conheceu em Fortaleza.** Mas também se assustou com a pobreza e a sensação de que ninguém faz nada. **Tive uma mão-de-obra imensa para esclarecer-lhe que não é apenas impressão não.** Ninguém faz nada mesmo. Quer dizer, existem entidades que fazem, mas a nossa miséria é endêmica enquanto as iniciativas são escassas. O resultado dessa equação é um enorme deficit de solidariedade (grifos nossos).

O brasileiro que mora na Itália, ao comentar a visita de um amigo, supostamente italiano, reproduz o discurso nacional, instituído na década de 1930, comentado em Ortiz (2006b), da *geografia mulata*. Em contrapartida, os aspectos que na visão do visitante passou como uma impressão não confirmada da pobreza é reafirmada pelo brasileiro, como sendo verdadeiro e não uma impressão, ou seja, localizando sua formação discursiva na reprodução de um discurso tido como verdadeiro, por ter sido instituído através de uma relação, de poder, de que as sociedades estabelecidas em países periféricos são miseráveis e carentes de solidariedade.

Pode-se dizer, então, que o caráter espacializante do discurso é extremamente útil para as análises geográficas, principalmente quando Foucault (2006, p. 158) argumenta que

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder.

Posts e perfil

Demonstraram-se, através de alguns exemplos, como na negociação identitária, as relações de poder estabelecidas são tencionadas em uma via de duplo sentido. Se por um lado, o discurso busca legitimidade e reafirmação no sentido do “eu”, que quer persuadir cooptar o “outro”, por outro, há sempre a visão que Outro tem do Eu. Essa relação é dinâmica e em última análise estabelece os deslocamentos das identidades.

Nesse sentido, destaca-se a leitura de Fischer (2001, p. 210), quando a autora salienta que

Quando Foucault diz que os enunciados são povoados, em suas margens, de tantos outros enunciados, afirma a ação do interdiscurso, da complementaridade e da luta dos diferentes campos de poder-saber, afirma a importância da análise arqueológica, segundo a qual se despreza a solenidade da ciência, para privilegiar textos e gestos nem tão inéditos assim, enunciados miméticos, banais e discretos, ao lado das grandes e luminosas originalidades.

Se for possível compreender que o significado e o sentido, das representações simbólicas, são construções sociais, de que se servem os discursos, e que só são possíveis nas relações entre os sujeitos, por serem sociais e culturais, logo se conclui que não existe uma identidade fixa, unívoca, pura, essencial. Ela é como argumenta Hall (2000), produzida, e no cotidiano da experiência vivida, vai sendo forjada uma múltipla identificação nas trocas do Eu com o Outro e vice-versa. Essas relações são produzidas nas fronteiras da diferença de identidade entre o Eu e o Outro.

Bhaba (2005, p. 20) define os espaços de trocas identitárias como *entre-lugares*, que funcionam fornecendo “[...] o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”.

A multiplicidade e a diferença, constituídas nas margens identitárias do sujeito são negociadas e articuladas a partir da noção que o Eu tem de si mesmo e da que o Outro tem dele. No caso da brasilidade, a identidade tanto é construída na alteridade, da *dimensão cultural, do folclore, da musicalidade* que os brasileiros captam na constituição de uma identificação nacional, quanto na atribuição de vulgaridade, de violência, de miséria, que acabam se legitimando no discurso dos outros.

Mesmo que a relação não seja conflitante, ela ainda é atravessa por uma relação de poder, que se estabelece nos *entre-lugares*, onde se transcendem as tênues fronteiras da identidade, da diferença. Excerto a seguir, extraído do *blog* Quimera Brasil-Espanha (2003), disponível em <<http://www.flaviapieta.blogger.com.br/>>, reflete bem essa argumentação

Sexta feira.... ontem nem deu para escrever. Teve o típico evento do San Jaune.... todo mês a Empresa do César faz um evento diferente... ontem foi comer “jamón” com vinho na “oficina” (pra quem não sabe, oficina é a empresa.... já acostumei a falar oficina, não é do carro não, heim?)... bom voltando no assunto... comemos un jamoncito e vinhos... e depois... acabamos no “Oba oba”... **um bar brasileiro.. samba, pagode**, etc..... Quem vê isso, vai pensar que estou todos os dias de festa... mas não é assim não... :o) (Grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que a brasileira, residente na Espanha, demonstra fácil adaptação à gastronomia e à língua, refere-se a sua brasilidade através de referentes culturais atribuídas como verdadeiros pelos outros, espanhóis, situando-se no espaço atribuído pela concepção de ser brasileiro deles. Esse enunciado é uma boa ilustração da relação estabelecida no *entre-lugar* da cultura brasileira e espanhola, onde se observa uma

sobreposição do discurso espanhol sobre o que é brasileiro, em relação à própria concepção do sujeito, a brasileira.

O discurso no ciberespaço

Sem uma análise prévia, poder-se-ia correr o risco de afirmar que a acentuada expansão das redes sociais organizadas pelos computadores, o ciberespaço, por sua vocação globalizante e por sua postulação ao status de técnica universal, estaria reproduzindo enunciados discursivos, nas relações sociais estabelecidas pelos usuários, que as identidades estão convergindo a uma cultura global homogênea. Entretanto, essa situação não se confirmou no espaço geográfico dos Estados-Nação, como também não suporta uma análise mais profunda do processo de constituição discursiva de identidades no ciberespaço.

Entretanto, se é possível reafirmar uma identidade primária, geralmente de nação, partir da análise dos discursos e enunciados manifestados no ciberespaço, também essa não é uma condição estática, fixa, e nem tão pouco, exclui a consolidação de identidades múltiplas. No *blog* Naked-Emotions (2005), disponível em <<http://naked-emotions.mondo-exotica.net/>>, por exemplo, é notório o sentido mais de pertencimento ao novo território, do que ao de origem.

Too hot to work. De volta, enfim, a uma Londres em plena onda de calor, tem feito no mínimo, 30 graus, muito sol, um forno. Cheguei há dois dias atrás, após uma longa e cansativa viagem. Nenhum problema com a imigração no aeroporto, ainda bem. **Sensação de estar voltando para casa.** Não estou com a mínima vontade de trabalhar por enquanto, ainda estou no clima de férias e o melhor a fazer é cuidar de me aclimatar com os novos ares, rever os amigos e curtir o calorão. **Foram quase 3 meses no Brasil e já estava naquela impaciência para voltar** e resolver minha vida por essas terras européias mas não volto sem reconhecer **o que ainda me liga ao meu país : o carinho da minha família e as cores e sabores do meu nordeste** (grifos nossos)

Ao invés da reafirmação de uma identidade primária de nação, observa-se uma nítida relação de pertencimento, de casa, ao novo habitat, ao novo país de moradia. O que se quer dizer é que se por um lado, a globalização e o avanço tecnológico da *sociedade em rede*, insinuavam a reafirmação de uma identidade de resistência, segundo os autores citados, por outro, observa-se que o ciberespaço também, abriga enunciados que contêm sentido em identidades híbridas ou aculturadas. A referência a aculturação é feita no mesmo sentido de Cuche (2002, p. 115), para quem é o “[...] conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre os grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais iniciais de um dos dois grupos”.

A situação relatada por Castells (2005) é confirmada no *blog* denominado Blog do Bean (2006), disponível em <<http://blogdobebean.blogspot.com/>>. A reafirmação de uma identificação com a brasilidade é observada no enunciado do excerto abaixo.

Putz, acho que o título desse post é meio propaganda enganosa. É que não quero falar de nada específico daqui, e sim de **algo que tem a ver com o Brasil**. Falo de uma das **minhas paixões, que aqui em Israel tem se mantido tão forte quanto** (ou talvez até mais). **Ah, Galo**, até quando??? Eu, um pobre atleticano do outro lado do mundo ouvindo a transmissão pela Rádio Itatiaia, vibrava ontem antes do jogo começar. [...] O meu Galo, sem dúvida, é uma delas: Deus no céu e Galo na terra... (grifos nossos).

Se o ciberespaço pode refletir uma contraposição à lógica global de homogeneização técnica, econômica, política e talvez cultural, através da reafirmação de identidades subordinadas, principalmente as primárias, como as de etnia, gênero, religiosidade e nação, por outro lado, pode-se observar que há também uma constante e dinâmica construção identitária que vem sendo forjada nos *entre-lugares* culturais das identidades.

Nesse sentido, Recuero (2004, p. 21), ressalta que

O blog é imbuído de personalidade. Imbuído das características e das impressões que seu autor quer dar, da maneira através da qual ele deseja ser percebido pelo leitor. A informação divulgada em um blog encontra-se imbuída da personalidade de seu autor. Os blogueiros desejam que o leitor saiba que aquele espaço é "seu". Por conta disso, elementos como a descrição pessoal do indivíduo, o uso da primeira pessoa, o uso das fotografias, a assinatura em todos os *posts*, são freqüentes.

Portanto, é essa busca intensa no olhar do outro, essa vontade de ser visto, ouvido, ou no caso lido, que movimenta a *blogsfera*. Essa relação, com seu espaço, onde o sujeito torna-se ator social, através da manifestação da sua personalidade é que traz inquietações e questionamentos. No caso da migração brasileira, podem-se encontrar pistas para a busca de respostas, não da identidade brasileira, ou se existe uma identidade brasileira, mas de como os brasileiros vêem os brasileiros e como os mesmos são vistos pelos indivíduos das sociedades de países, em que moram fora do Brasil.

IDENTIDADES CULTURAIS OU VIRTUAIS?

Identidade nacional ou identidade territorial?

A questão da identidade nacional tem sido discutida, mais intensamente, no fim do século XX e início de século XXI. A globalização de acordo com McGrew (1992 apud HALL, 2005, p.67) pode ser entendida como

[...] àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Considera-se adequada tal definição, porque explicita tanto seu caráter enquanto realidade material, quanto à necessidade de compreendê-la como experiência vivida. Hall (2005, p. 68) interpreta que essas "[...] novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais".

Por outro lado, tem-se observado que as identidades nacionais ao invés de deixarem-se abater pelo contato constante com as mais variadas culturas estão, cada vez mais, afirmando-se na sociedade em rede. Um exemplo de manifestação identitária pode ser observado no trabalho de Silva (2002), em que a autora, confirmando a tese de Castells (2006), cita como exemplo os Zapatistas, grupo guerrilheiro, radicado na região de Chiapas no México, que entre seus objetivos principais busca o reconhecimento e valorização da cultura e da população indígena, que teriam sido os primeiros a utilizar o ciberespaço para expandir suas atividades.

Entretanto, pode-se observar que uma possível tendência de reafirmação das identidades nacionais, pode ser contestada. Hall (2005, p. 73) esclarece que

[...] existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações *globais* começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais.

Na perspectiva da identidade territorial, Haesbaert (1999, p.178-179) ressalta que

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta *identidade parte do ou transpassa* o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como o do Estado-nação.

O que se pretende com a exposição dessas formulações, aparentemente conflitantes, não é explorar as contradições entre os autores, mas justamente o contrário, ou seja, buscar uma aproximação entre suas formulações na perspectiva de usá-las nas análises do *corpus teórico*. Assim, pode-se identificar nas argumentações de Hall (2005), Castells (2006) e Haesbaert (2004), algumas semelhanças no que se refere a como classificar as identidades que se constituem na atualidade, em um mundo globalizado onde as tensões parecem apontar, no caso da identidade territorial, para uma relação conflitante entre o global e o local.

A proposta de Hall (2005) pode ser dividida em dois momentos. O primeiro, no qual ele localiza o posicionamento do sujeito, com relação a sua identidade e seu posicionamento histórico na sociedade, o qual chamou de sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O segundo momento refere-se as três possíveis consequências da globalização nas identidades nacionais, que são apontadas por Hall (2005, p. 69), como

- a) As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do *pós-moderno global*.
- b) As identidades nacionais e outras identidades *locais* ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.
- c) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

As colocações de Hall (2005) são uma primeira aproximação com a proposta de Castells (2006). O autor também identifica três possibilidades de constituição identitária. Uma seria a *identidade legitimadora*, que se aproxima das identidades nacionais de Hall (2005), e que estaria sendo homogeneizada no processo de globalização, e com isso, guardariam um posicionamento binário entre as identidades dominantes e as identidades dominadas. Outra identidade admitida pelo autor é a de *resistência*, onde se encontra a similaridade com a consequência da globalização, apontada por Hall (2005), sobre as identidades nacionais que se reforçam pela resistência a globalização, quando atores tencionam um posicionamento mais privilegiado nas relações de poder. Por último, o que Castells (2006) denomina de *identidade de projeto* a qual se aproxima do declínio das identidades nacionais em prol do surgimento de identidades híbridas.

Já Haesbaert (2004), ao discutir as possibilidades abertas pela globalização destaca as identidades territoriais, considerando-as como: (a) *identidades territorializadas*, aquelas constituídas em um espaço simbólico e material de origem e que marcam a identificação territorial com este espaço, mesmo quando se perde o contato físico com este; (b) *identidades desterritorializadas*, são aquelas identidades levadas nos movimentos migratórios, mas que acabam sendo assimiladas pelas novas identificações culturais no contato e na interação; e (c) as *identidades reterritorializadas ou multiterritoriais* que ao interagirem com novas culturas se utilizariam de aspectos de sua identidade territorial original, de nação por exemplo, mas também absorveriam novas identificações desse contato, em tempo de globalização, multiterritorial (Figura 1).

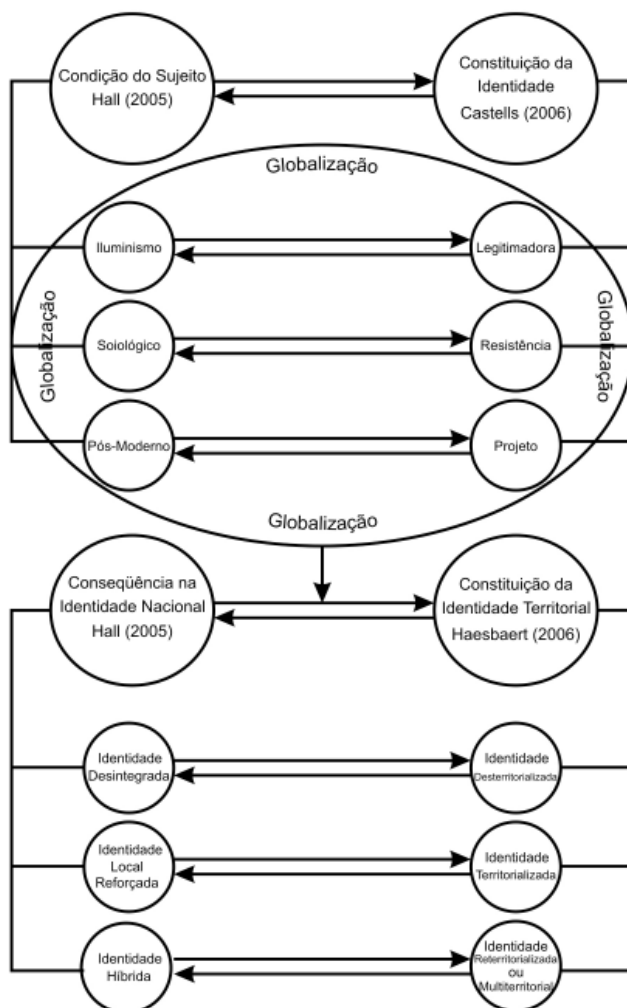


Figura 1 - Aproximação das definições de identidade em Hall (2005), Castells (2006) e Haesbaert (2004)

Organização: Silva; Gustavo Siqueira da.

Identidade no ciberespaço

Na questão das identidades e identificações territoriais de nacionalidade essa interpretação é significativa, pois como se pode observar, as manifestações identitárias nos *blogs* transitam exatamente nesse sentido, entre as tradicionais, ou legitimadoras, que se referem e representam identidades disponíveis de territorialidade, e as pós-modernas, que buscam alternativas identitárias, considerando a constante pressão multilateral, multicultural e, conseqüentemente, multiterritorial que é exercida sobre o sujeito.

Na perspectiva da identificação, os *blogs* guardam uma acentuada relação com o íntimo, muitas vezes, deslocando e reentrando as fronteiras dos espaços públicos e privados. Isso se revela no momento que os/as *blogueiros/as*, inserem, edificam seu *blog* no ciberespaço. Questões íntimas, pessoais, privadas tornam-se públicas, na medida em que cresce a audiência, a visitação do seu *locale* digital.

Os *blogs* funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, mas também servem de localização, de morada no “ciberespaço”. Conforme Recuero (2004, p. 24) “[...] é preciso ser ‘visto’ para existir no espaço dos fluxos. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali”.

Os *blogs* são imbuídos de personalidade, de características e de impressões que seu autor quer dar. Representa a maneira através da qual ele deseja ser percebido pelo leitor. A informação divulgada em um *blog* encontra-se imbuída da personalidade de seu autor. Os/as *blogueiros/as* desejam que o/a leitor/a saiba que aquele espaço é “seu”.

O *blog*, *Holandesa's Memories*, disponível em <<http://www.holandesa.blogger.com.br/>>, mantido por uma paraense, radicada na Holanda desde seus 17 anos de idades, hoje ela tem 31 anos, já nasceu sob uma perspectiva legitimadora, que busca um universalismo na homogeneização. Filha de pai holandês e mãe belga incorporou, ou melhor, posicionou-se no discurso da globalização cultural homogênea. Mantém a língua como resquício cultural, embora faça várias chamadas em seus *posts* e intitule o *blog* em língua inglesa. É nesse sentido, da experiência vivida, das sensações, que se identificou as transformações territoriais das identidades constituídas no seio da migração brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva da Geografia Cultural permitiu compreender como o discurso constrói identidades em relações de poder expressas em práticas e instituições sociais. Como se pôde observar nas leituras realizadas sobre o território e o ciberespaço, ambos são espaços privilegiados da verificação das diferenças culturais produzidas nesse processo relacional.

É notável que a velocidade de consolidação e popularização do ciberespaço, como nova esfera de circulação das idéias e das relações sociais, vem instigando pesquisadores e instituições a desbravar esse novo espaço para onde estão migrando pessoas de diversas culturas. Ao contrário das previsões de que a importância da Geografia estaria exaurida, que as distâncias físicas estariam extintas e que a consolidação da cultura global seria eminente, observa-se que ocorre a sólida edificação da *différance*. Sem dúvida, a evolução das técnicas proporcionou a constituição do meio técnico-científico-informacional e a aproximação de inúmeras diferenças culturais. Entretanto, ao invés de homogeneizá-las as redes técnicas têm operado na constituição de identidades de resistência e de reafirmação cultural.

A dinâmica do conhecimento é a característica que possibilita que novas propostas de estudo sejam realizadas no âmbito da Geografia Cultural e articuladas às novas formas

espaciais de se produzir e reproduzir identidades. A esse respeito, cita-se, como exemplo, a necessidade de se mapear e delimitar uma *blogsfera* brasileira; aprofundar a interpretação de como ocorre o processo de identificação dos migrantes brasileiros/as em um determinado país; a identificação e interpretação de outros recortes espaciais no ciberespaço além do *locais* digital, como o das comunidades virtuais, das ferramentas de interação e comunicação em tempo real, dos *chats*, as listas de discussão de e-mails, enfim, as possibilidades de espacializar o ciberespaço parecem serem diversificadas e promissoras.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- _____. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2).
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- COSGROVE, D. Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000. p. 33-60. (Série Geografia Cultural).
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: Ed. da USC, 2002.
- DUNCAN, J. S. O Supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197- 223, 2001.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 169-190. (Série Geografia Cultural).
- _____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LEMOES, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: LEÃO, L. (Org.). **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 17-44.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: ed. 34, 2000.
- ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006a.

_____. Identidade brasileira entre a ontologia e a construção. **Aulas**. Campinas, n. 2, 2006b.

RECUERO, R. da C. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. **Sessões do imaginário**. Porto Alegre, v. 11, p. 19 - 27, 2004.

SILVA, M. T. C. da. **A (Ciber) Geografia das Cidades Digitais**. 2002. 250f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

Recebido em julho de 2008

Aceito em setembro de 2008

